

## Línguas compósitas e linguagens híbridas na obra de Milton Hatoum: o aparecimento do bastardo linguístico\*

Mireille Garcia\*\*

### Resumo

Dentre as diversas produções literárias contemporâneas que assentam suas diegeses em um contexto plurilinguístico e multicultural, constam os romances de Milton Hatoum *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005). Essas obras abrigam as vozes múltiplas da diversidade ao colocar em cena personagens que pertencem a línguas e culturas diferentes, muitas vezes marginalizadas. É em torno das figuras do indígena, do órfão ou ainda do migrante que se constrói o diálogo composto de diversas línguas e linguagens, de dicções ou fragmentos de discursos. No presente artigo, propomo-nos a evidenciar as diferentes terminologias que participam do entrecruzamento das línguas e demonstrar que elas revelam uma forma de hibridismo linguístico que, por sua vez, gera o bastardo linguístico, resultante da imbricação de diversas línguas em contato.

### Palavras-chave

Milton Hatoum; hibridismo; bastardo linguístico; interlíngua; diáspora.

### Résumé

Parmi les nombreuses productions littéraires contemporaines qui arborent leur diégèse dans un contexte plurilinguistique et multiculturel, figurent les romans de Milton Hatoum *Récit d'un certain Orient* (1989), *Deux frères* (2000) et *Cendres d'Amazonie* (2005). Ces œuvres abritent les voix multiples de la diversité mettant en scène des personnages appartenant à des langues et à des cultures différentes, souvent marginalisées. C'est autour des figures de l'indigène, de l'orphelin ou encore du migrant que se construit le dialogue composé de diverses langues et langages, de parties de diction ou encore de fragments de discours. Dans le présent article, nous nous proposons de mettre en évidence les différentes terminologies qui participent à l'entrecroisement des langues et de démontrer qu'elles révèlent une forme d'hybridisme linguistique qui à son tour génère le bâtard linguistique, résultat de l'imbrication de diverses langues en contact.

### Mots-clés

Milton Hatoum; hybridisme; bâtard linguistique; interlangue; diaspora.

---

\* Artigo de autora convidada.

\*\* Doutora em literatura brasileira contemporânea pela Université Rennes 2. Membro do grupo de pesquisa ERIMIT e professora (Maître de Conférences) no Departamento de Português da Université Rennes 2.

*Como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas.*

Milton Hatoum

## Introdução

Dentre as diversas produções literárias contemporâneas que assentam suas diegeses em um contexto plurilinguístico e multicultural, constam os romances de Milton Hatoum *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, que são contribuições importantes para a análise da problemática. De fato, sua produção literária abriga as vozes múltiplas da diversidade e coloca em cena personagens que pertencem a línguas e culturas diferentes, muitas vezes marginalizadas. Nas obras hatounianas, os signos e expressões culturais específicos da Amazônia, as diversas línguas autóctones assim como as línguas “estrangeiras” dos migrantes, articuladas com o português, revelam uma forma de hibridismo representativo das vozes sociais em contradição.

A exploração da heterogeneidade linguística em seus romances compreende-se na representação do *entre-deux* linguístico e cultural e do entrecruzamento das línguas. Como o assinala Jacques Derrida em sua leitura do célebre mito intitulada *Das torres de Babel*, a interpenetração de diversas línguas em contato pode gerar uma desorientação das populações que temem a perda de referências identitárias e pode ser traumática pois vivida como um desenraizamento e uma ruptura. Com efeito, a pluralidade de línguas transmite a noção de fracasso, de algo inacabado e confuso, como o notou Derrida, que entende a desconstrução da torre como sendo a alegoria da desconstrução da língua universal. Todavia, o autor não enxerga essa pluralidade como sendo necessariamente negativa e afirma que “o original se dá ao se modificar [...] ele vive e sobrevive em mutação”<sup>1</sup> (DERRIDA, 1985, s/p, tradução nossa); ele tende a considerar que as línguas em contato constituem uma abertura que supõe um enriquecimento pelo viés da combinação<sup>2</sup>. Sua teoria concorda com as hipóteses de Edouard Glissant, que em sua

---

<sup>1</sup> “L'original se donne en se modifiant [...] il vit et survit en mutation”.

<sup>2</sup> O teor do discurso de Derrida sobre a combinação possível de línguas é o seguinte: segundo ele, “cada língua está como atrofiada em sua solidão, magra, interrompida no seu crescimento, incapacitada. Graças à complementaridade linguística pela qual uma língua dá à outra o que lhe falta, e de maneira harmoniosa, este cruzamento das línguas assegura seu crescimento [...] ou seu renascimento infinito, um perpétuo renascer, uma regeneração constante”. (DERRIDA, 1985, s/p, tradução nossa) No original: “Chaque langue est comme atrophiée dans sa solitude, maigre, arrêtée dans sa croissance, infirme. Grâce à la complémentarité linguistique par laquelle une langue donne à l'autre ce qui lui manque, et le lui donne

*poétique du divers* defende uma poética da relação: segundo ele, as línguas se encontram e se crioulizam; trata-se do “encontro de elementos culturais oriundos de horizontes absolutamente diversos [...] que se imbricam e se confundem um no outro para dar algo absolutamente imprevisível e novo”.<sup>3</sup> (GLISSANT, 1996, p. 15, tradução nossa) O fato da língua viver em presença de outras línguas e que a mistura entre elas seja inevitável sugere para Glissant a riqueza do convívio das línguas. No entanto, o autor esclarece:

Para que a crioulização ocorra realmente, os elementos culturais postos em relação devem ser “equivalentes”: não se deve inferiorizar alguns, senão a crioulização se faria sob um modo bastardo e injusto. Ela exige que os elementos postos em relação se “intervalorizem” ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser.<sup>4</sup> (GLISSANT, 1996, p. 17, tradução nossa)

Longe do esquema ideal e utópico de intervalorização sugerido por Glissant, a multiplicidade das línguas gerou a aparição de uma língua compósita<sup>5</sup> e híbrida<sup>6</sup> resultante do contato entre elementos linguísticos heterogêneos. Mestiça e subversiva, nutrindo-se de todas as línguas em contato, essa linguagem híbrida (“*parlure*” como a chama Henri Boyer) é a consequência de uma relação antagônica entre língua dominante e língua dominada:

Não se trata de uma repartição pacífica e estável das funções sociais das duas línguas (ou variedades de línguas) em contato, mas de uma coexistência conflituosa e no final das contas de um “linguicídio”, em benefício da língua dominante.<sup>7</sup> (BOYER, 2010, p. 141, tradução nossa)

Dessa “bricolagem etnosociolinguística”<sup>8</sup> surge o bastardo linguístico, o híbrido linguístico, o objeto polimorfo resultante de uma imbricação original.

---

harmonieusement, ce croisement des langues assure la croissance des langues [...] ou la renaissance infinie des langues, cette perpétuelle réviviscence, cette régénérescence constante”.

<sup>3</sup> “la rencontre d’éléments culturels venus d’horizons absolument divers [...] qui s’imbriquent et se confondent l’un dans l’autre pour donner quelque chose d’absolument imprévisible et nouveau”.

<sup>4</sup> “Pour que la créolisation s’effectue réellement, les éléments culturels mis en relation doivent être « équivalents »: il ne faut pas inférioriser certains, autrement la créolisation se ferait sur un mode bâtarde et injuste. Elle exige que les éléments hétérogènes mis en relation « s’intervalorisent » c’est-à-dire qu’il n’y ait pas de dégradation ou de diminution de l’être”.

<sup>5</sup> Segundo Glissant – que introduz esse termo em seu estudo – uma língua compósita representa todas as línguas que nasceram da colonização. São línguas frágeis, confrontadas a diversos problemas como o fato de elas serem contaminadas pela língua oficial e por elas enfrentarem problemas de fixação e de transcrição. (GLISSANT, 1996, p. 111)

<sup>6</sup> No seu estudo que trata da bastardia linguística, Henri Boyer emprega o termo “*parlure*” para definir as interlínguas resultantes das situações de contato entre as línguas. (BOYER, 2010, p.137)

<sup>7</sup> “Il ne s’agit pas d’un partage pacifique et stable des fonctions sociales des deux langues (ou variétés de langues) en contact mais plutôt d’une coexistence conflictuelle et à terme linguicide, au seul profit de la langue dominante”.

<sup>8</sup> BOYER, 2010, p. 139.

Pelo viés do estudo das terminologias<sup>9</sup> que participam do plurilinguismo na obra de Milton Hatoum, propomo-nos no presente artigo a analisar a maneira pela qual as interações linguísticas ocorrem e de que forma elas produzem identidades plurais. Optamos por desenvolver três linhas de análise: a terminologia da Amazônia ou línguas ameríndias autóctones como o tupi e o nheengatu; a terminologia árabe ou “oriental” e a terminologia estrangeira de línguas “importadas” à qual acrescenta-se a língua portuguesa, para demonstrar que as transgressões e as (re)apropriações das línguas em contato afirmam a existência de uma identidade plural ou até mesmo híbrida.

### **Hibridismos indígenas: da adaptação à transgressão**

Durante o período da colonização das Américas, os colonizadores encontraram e ignoraram uma infinidade de línguas, despojando desta forma as tribos ameríndias de qualquer propriedade cultural.<sup>10</sup> O Índio torna-se um ser aculturado cuja língua considerada como estrangeira dá o sentimento de uma perda de autenticidade e de identidade. “Detribalizado”, ele é vítima da transmutação ocorrida pelo viés da mestiçagem e da aculturação, e ele passa também por um processo que Márcio Souza chama de “lusitanização”, que consiste em mudar todos os nomes indígenas de núcleos populacionais, substituindo-os por nomes portugueses. (SOUZA, 1994, p. 68)

São esses personagens de ascendência indígena que os romances de Milton Hatoum colocam em cena: ora animalizados, ora descritos como seres subordinados e servis, esses “Amazônidas” sem cultura perderam sua identidade e tornaram-se estrangeiros em seu próprio território, *estranhos estrangeiros de dentro*.<sup>11</sup> Nos três romances, os indígenas aparecem como os estigmas da sociedade: personagens

---

<sup>9</sup> Optamos aqui pelo emprego da palavra “terminologia” – que significa o conjunto de termos próprios a um espaço específico e a um grupo social – pois não se trata propriamente de línguas mas sim de signos linguísticos que apontam elementos e particularidades de uma cultura.

<sup>10</sup> Sobre esse assunto, ver o capítulo que trata da descoberta da América no qual Todorov explica que a “barreira da língua” se estabeleceu com Colombo, desnaturando os contatos e a compreensão: “Colombo desconhece a diversidade das línguas, o que lhe deixa, frente a uma língua estrangeira, somente dois comportamentos possíveis, e complementares: reconhecer que se trata de uma língua mas recusar-se a acreditar que ela é diferente; ou reconhecer sua diferença mas recusar-se a admitir que se trata de uma língua... É esta última reação que os indígenas que ele encontra logo no início suscitam” (TODOROV, 1991, p. 43, tradução nossa). No original: “Colon méconnaît la diversité des langues, ce qui ne lui laisse, face à une langue étrangère, que deux comportements possibles, et complémentaires: reconnaître que c'est une langue mais refuser de croire qu'elle est différente; ou reconnaître sa différence mais refuser d'admettre que c'est une langue... C'est cette dernière réaction que suscitent les Indiens qu'il rencontre au tout début”.

<sup>11</sup> Retomamos aqui a expressão de Rita Olivieri-Godet que ressalta o caráter depreciativo que as sociedades urbanas reservam a essas populações que, integradas a classes inferiores de extrema pobreza, são relegadas às margens da nação. (OLIVIERI-GODET, 2009, p. 91)

marginalizados, as figuras do curumim, da cunhantã ou ainda do caboco reforçam o sentimento de estranheza que a cultura indígena provoca frente aos habitantes da região, pois sua linguagem é incompreensível e seu discurso torna-se quase hermético para aqueles que desconhecem o nheengatu, verdadeiro linguajar feito de “truques da língua brasileira”. (HATOUM, 1999, p. 121)

Dessa forma, tal terminologia indecifrável torna-se o único jeito de fazer com que a voz dos oprimidos, dos esquecidos amazonenses nativos seja ouvida. Dentre eles, o indígena Lobato Naturidade, o curandeiro apelidado “o príncipe da Magia Branca” fala fluentemente o nheengatu e aparece como detentor da cultura ameríndia e de seus mistérios<sup>12</sup>, bem como sua sobrinha Anastácia Socorro, igualmente depositária dessa cultura e dessa linguagem não só imprecisa mas também incompreensível e misteriosa que produz “visões de um mundo misterioso”. (HATOUM, 1999, p. 120)

Por sua vez, a cunhantã do romance *Dois irmãos*, Domingas<sup>13</sup>, personifica a “detrabalização”: batizada e alfabetizada, ela é o avatar do índio aculturado e simboliza a fabricação de um indivíduo novo; privada de seu nome de origem, ela passa a ser apelidada com um nome associado à religião católica e seus ritos dominicais. Retomando a argumentação de Maria Zilda Cury, Domingas fala “com uma voz de empréstimo [...] ela grita através seu silêncio, ou melhor, seu silêncio grita”<sup>14</sup> (CURY, 2004, p. 165), deixando assim entrever a sua submissão. Contudo, seu silêncio é por vezes rompido pelas reminiscências do nheengatu de sua infância que acentuam o sentimento de liberdade que ela conquista quando fala sua língua materna, como se fosse “dona de sua voz e do seu corpo” (HATOUM, 2000, p. 74) novamente. Assim como Lobato Naturidade e Anastácia Socorro, é através seu conhecimento e das histórias que ela conta que Domingas torna-se porta-voz de uma cultura que ela “ressuscita”, possibilitando a sobrevivência de sua língua, conhecimentos e costumes.

Essa “ressurreição” se torna possível graças a outros personagens que, surpreendentemente, não são de origem ameríndia. O fotógrafo alemão Gustav Dorner

---

<sup>12</sup> “Lobato Naturidade [...] ‘Príncipe da Magia Branca’ [...] falava sem embaraço o nheengatu [...] em tempos passados tinha sido um orador famoso, desses que ao abrir a boca faz o mundo à sua volta prestar atenção. Logo que chegou em Manaus era conhecido por Tacumã, seu verdadeiro nome, e era famoso por ser um grande vidente”. (HATOUM, 1999, p. 121-122)

<sup>13</sup> Milton Hatoum revela seu processo de criação do personagem Domingas, influenciado pelo personagem flaubertiano, a criada Félicité: a personagem personifica a escravatura submersa destes seres sacrificados tanto pela sociedade quanto pelo destino, cuja dedicação é sem limites diante do fato de serem confrontados, como declara o autor, com “ausência de escolhas” que lhes impõe a escravidão. (HATOUM, 2004, s/p.)

<sup>14</sup> “Domingas parle d’une voix empruntée [...] elle crie à travers son silence, ou plutôt, son silence crie”.

do romance *Relato de um certo Oriente* dedica-se a um trabalho de pesquisa sobre a vida das populações autóctones preenchendo cadernos inteiros de anotações. Por um lado, essa série de estudos incentivaram-no a examinar os rudimentos da cultura ameríndia e fazer seu aprendizado, levando-o a memorizar os alicerces da língua indígena já que ele “podia rezar uma Ave Maria em nheengatu”. (HATOUM, 1999, p. 90) Por outro lado, seus estudos também possibilitaram a retranscrição de todas as discussões e línguas que ele escutou e presenciou, pondo por escrito essas línguas orais como para assegurar sua perenidade.

Em um mesmo registro, Mundo, o protagonista do romance *Cinzas do Norte*, defende a causa indígena: apesar de ser filho de um rico herdeiro de origem portuguesa, ele frequenta os curumins desde menino e até aprende algumas palavras de sua língua. Além do mais, ele faz amizade com um Índio – seu Nilo, um velho artista doente – e encontra também o artista plástico Alduíno Arana, cuja obra – que reflete a realidade indígena e denuncia o desaparecimento das populações autóctones – intitula-se “*A dor das tribos... A dor de todas as tribos*”. (HATOUM, 2005, p. 94) Esses encontros acabam sendo uma verdadeira fonte de inspiração para o jovem artista Mundo que, assim como o fotógrafo alemão que retranscreve e registra a linguagem dos indígenas, vai criar uma série de quadros figurando a cultura indígena. Portanto, é concebível que todas essas obras de arte, telas ou esculturas possam representar a busca de uma linguagem capaz de traduzir a realidade do ameríndio.

Exceto os personagens nativos que encarnam a única voz da cultura ao empregar a linguagem amazonense no intuito de livrarem-se de uma ordem social opressora, a língua em si é praticamente inexistente e dá lugar a outras formas de difusão como a arte ou a fotografia. Todavia, esta transmissão não ocorre de forma harmoniosa e autêntica: por não serem plenamente de origem indígena, os “organizadores” desse discurso acabam mutilando sua história; os oradores apropriam-se de uma linguagem através da qual eles procuram expressar uma realidade socio-linguístico-cultural que eles desconhecem. Por conseguinte, a linguagem ameríndia – ou as vozes indígenas – nos romances de Hatoum carregam tanto a marca de uma identidade quanto a expressão da composição e da adaptação. Fragmentada, híbrida e como inacabada, a terminologia indígena seria, para retomar os termos de Derrida, a tradução de um “sistema em desconstrução”.

## Vocábulos de origem árabe: termos migrantes e fragmentados

O confronto entre diversas línguas pode ocorrer com a presença de línguas estrangeiras que podemos observar em situações de migração e de diáspora: representativas de uma realidade linguística “remendada”<sup>15</sup>, como explica Boyer, essas línguas equivalem a “interlínguas”<sup>16</sup>, que o autor define como sendo um processo individual e coletivo de construção de sistemas intermediários e provisórios durante o aprendizado de uma língua materna pelos adultos. Os romances de Milton Hatoum (com exceção de *Cinzas do Norte*, que não evoca a presença árabe em sua trama) revelam um caráter oriental, tornando-se, dessa maneira, pistas de análise das “línguas diásporizadas”<sup>17</sup>, uma vez que as noções de hibridismo da linguagem e de confronto entre duas línguas estão presentes no decorrer das tramas. É por meio da presença de comunidades imigrantes disseminadas ao longo de sua trama que o autor recria de uma certa maneira a diáspora libanesa<sup>18</sup> e alimenta-a com a ajuda de artifícios culturais tais como objetos, relíquias ou expressões linguísticas que servem a impedir o esquecimento e o apagamento da cultura oriental.

O romance *Relato de um certo Oriente* inicia-se com a volta da narradora à casa familiar de sua infância, e com a descrição que ela faz desse espaço: a representação do Oriente é incontestável porém confusa, pois os elementos de decoração são de países e culturas diferentes, o que revela a descrição de um Oriente imaginário, possivelmente o

---

<sup>15</sup> No texto original em francês, Henri Boyer utiliza a expressão “réalité linguistique bricolée” para retratar o fenômeno de contato entre diversas línguas. (BOYER, 2010, p. 138)

<sup>16</sup> “No caso da interlíngua, a hibridação fixou-se coletivamente e apresenta uma relativa estabilidade num lapso de tempo mais ou menos longo [...] Seu *status* sociolinguístico está ligado a uma organização de tipo diglósico e portanto envolvida numa dinâmica competitiva entre duas ou mais línguas em conflito [...] Ela resulta simultaneamente da derrisão sociocultural e da convivência identitária”. (BOYER, 2010, p. 138-139, tradução nossa). No original: “Dans le cas de l'interlangue, l'hybridation s'est fixée collectivement et présente une relative stabilité sur une plus ou moins longue durée [...] Son statut sociolinguistique est lié à une organisation de type diglossique et donc prise dans une dynamique concurrentielle entre deux ou plusieurs langues en conflit [...] Elle relève à la fois de la dérision socioculturelle et de connivence identitaire”.

<sup>17</sup> No *Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*, os autores refletem a respeito das repercussões da diáspora sobre as qualidades linguísticas dos emigrados: “as populações desenraizadas perderiam inevitavelmente sua identidade, inclusive suas competências linguísticas, devido à pressão do contexto que gera riscos de criouilização para as línguas ‘diásporizadas’.” (FERREOL; JUCQUOIS, 2003, p. 90, tradução nossa). No original: “Les populations déracinées perdraient inéluctablement leur identité, notamment leurs compétences linguistiques, par la pression du contexte, génératrice de risques de créolisation pour les langues « diásporisées ».”

<sup>18</sup> A diáspora libanesa, semelhante à chinesa pela sua magnitude e sua importância, se manifesta com a multiplicação de comunidades organizadas e reunidas nas grandes metrópoles ocidentais: “sabemos que mais da metade dos libaneses vivem longe de seu país e representam comunidades comerciais e intelectuais muito potentes”. (FERREOL; JUCQUOIS, 2003, p. 91, tradução nossa). No original: “On sait que plus de la moitié des libanais vivent loin de leur pays et constituent des communautés commerciales et intellectuelles très puissantes”.

“certo Oriente” que o autor menciona no título de sua obra. Enquanto numerosas alusões ao Oriente surgem ao longo das páginas, alguns elementos destacam-se: a linguagem e seus efeitos, que desempenham um papel significativo dentro da família que protagoniza o romance. Emilie, a matriarca libanesa expatriada em Manaus, aparece como guardiã da língua árabe e seus mistérios. Seu marido, por sua vez, anfitrião taciturno e asceta fiel a uma vida de reclusão, encarna a voz do Islã e da prece. Seus quatro filhos, oriundos da segunda geração, não sabem falar a língua de seus pais ou apenas distinguem algumas palavras ouvidas e repetidas. Dentre eles Hakim, um dos filhos do casal, revela seu fascínio por essa língua que ele (re)conhece sem conhecê-la realmente. Perante a curiosidade de seu filho, Emilie decide ensinar-lhe o “alifabata”: Hakim inicia então o aprendizado da língua árabe junto com sua mãe mas também sozinho, procurando decifrar e “desvendar a espinha dorsal do novo idioma [...] exercitando esse jogo especular entre pronúncia e ortografia”. (HATOUM, 1999, p. 67).

A cena de seu aprendizado da “língua-mãe” salienta a questão da transmissão familiar, e particularmente o que Martine Segalen chamou de “laços intergeracionais”<sup>19</sup>, que a matriarca Emilie assegura no intuito de preservar uma herança. Todavia, a língua deve ser entendida aqui como sendo a expressão ilusória da origem porque ela é estudada de maneira artificial na medida em que o árabe é o idioma da mãe e não a língua primeira de Hakim.<sup>20</sup> Frente a essa dualidade que gera uma relação complexa com as línguas que o compõem, Hakim acaba se confrontando com sua condição de homem bilíngue<sup>21</sup>: ele pratica a alternância entre dois códigos linguísticos, mistura,

---

<sup>19</sup> A autora faz uma descrição dos novos laços intergeracionais, explicando que hoje em dia existe uma circulação importante de bens e serviços com as diferentes gerações e que esse vínculo familiar é ainda mais forte, já que ele se estabelece no respeito dos valores de cada um, pois a tolerância entre as gerações progrediu muito. (SEGALEN, 1998, p. 163)

<sup>20</sup> A esse respeito, ver a tese de doutorado de Daniela Birman, na qual a autora ressalta que a língua aprendida se caracteriza pela “ausência de uma origem linguística e de uma identidade ‘natural’ com a língua que se domina”. (BIRMAN, 2007, p. 113)

<sup>21</sup> “O bilinguismo, ou plurilinguismo, não é algo evidente ou óbvio. Trata-se, na verdade, de um fenômeno muito complexo, resultante de um processo de aquisição cujo desenrolar ainda é desconhecido dos cientistas [...] Tornar-se bilíngue é tornar-se bicultural ou, mais exatamente, integrar duas culturas em uma só e mesma identidade [...] Essa integração só pode ocorrer de maneira harmoniosa num contexto que permita a dupla pertença étnica e cultural e que reconheça a multiculturalidade como valor humano e social. Idealmente, o bilíngue deve poder identificar-se positivamente aos dois grupos aos quais ele pertence, e sentir-se totalmente reconhecido como membro e parte integrante de cada um deles”. (FERREOL; JUCQUOIS, 2003, p. 41-44, tradução nossa). No original: “Le bilinguisme, ou le plurilinguisme, ne va pas de soi. Il s'agit, en effet, d'un phénomène très complexe, le résultat d'un processus d'acquisition dont le déroulement échappe encore en grande partie aux scientifiques [...] Devenir bilingue, c'est devenir biculturel, ou plus précisément, intégrer deux cultures en une seule et même identité [...] Cette intégration ne peut se faire de manière harmonieuse que dans un contexte qui permette la double appartenance ethnique et culturelle, et qui reconnaisse la multiculturalité comme

íntegra e emprega nomes associados aos objetos que o rodeiam para sobrepô-los à sua língua nativa; em suma, ele infiltra-se na língua árabe modificando-a. Essa situação de bilinguismo ocasiona a aparição de uma língua híbrida, “emendada” e entrecortada. Apesar da língua árabe proporcionar a Hakim um sentimento de pertencimento em relação aos seus pais, ela não é sua língua materna: trata-se apenas – para retomar os termos de Julia Kristeva<sup>22</sup> – de um “novo artifício”, uma “língua artificial”, uma “prótese” que resulta da imposição de adaptação à qual Hakim deve se submeter se ele quiser reapropriar-se suas origens.

A matriarca Emilie confronta-se também ao bilinguismo e reconhece a dificuldade em assumir a língua portuguesa declarando que “no Líbano [...] não precisa gaguejar nem consultar dicionários para falar o que der na telha”. (HATOUM, 1999, p. 32-33) É justamente quando ela fala “o que dá na telha”, espontaneamente e impulsivamente, que Emilie expressa-se com a maior naturalidade em sua língua materna. Os ecos dessa língua “perdida” que ela procura manter em vida transformam-se em fragmentos que se embrenham nos interstícios do português e Emilie submete-se a falar um português entremeado de árabe, sofrendo assim de sua condição de bilíngue forçada:

Quantas vezes eu a surpreendi entoando cânticos, com a palma das mãos repousadas no peito e os olhos saltando de uma bíblia à outra; creio que por isso não lhe foi difícil aprender os salmos em português, embora ela contraísse o rosto quando a travessia de um idioma ao outro soava estranha e infiel, como se alguns salmos e parábolas esbarrassem em pedras, tornando-se prolixos ou sem sentido. (HATOUM, 1999, p. 73-74)

O romance *Dois irmãos* por sua vez ressalta as consonâncias árabes “sobrepostas” a outras línguas presentes, concordando dessa forma com *Relato de um certo Oriente*. Estamos novamente frente a uma família libanesa na qual convivem três gerações. Seus membros vivem ao ritmo do darbuk (HATOUM, 2000, p. 99), do alaúde (HATOUM, 2000, p. 101), das preces e dos ghazais; sua mesa está repleta de iguarias e doces orientais, de pratos de lentilhas e cordeiro assado, de tabule com perfume de

---

valeur humaine et sociale. Idéalement, le bilingue doit pouvoir s'identifier positivement aux deux groupes dont il connait ou apprend la langue, et s'y sentir reconnu comme membre à part entière.

<sup>22</sup> “Você tem o sentimento de que a nova língua é sua ressurreição: nova pele, novo sexo. Mas a ilusão rompe-se quando você ouve, numa gravação por exemplo, que a melodia de sua voz soa de maneira estranha, como vinda de lugar nenhum, mais semelhante a um gaguejar da época que a um código atual”. (KRISTEVA, 1991, p. 27-28, tradução nossa). No original: “Vous avez le sentiment que la nouvelle langue est votre résurrection : nouvelle peau, nouveau sexe. Mais l'illusion se déchire lorsque vous entendez, à l'occasion d'un enregistrement par exemple, que la mélodie de votre voix vous revient bizarre, de nulle part, plus proche du bredouillis d'antan que du code d'aujourd'hui”.

hortelã e de zatar; seus pensamentos estão voltados para os cedros milenários do Líbano; em suma, uma série de elementos que reconstróem uma memória e uma pertença, recriando a cultura perdida. Assim como a Emilie de *Relato de um certo Oriente*, a matriarca Zana aparece como guardiã da língua árabe que ela procura manter viva, mas sua condição de imigrante a obriga a se confrontar com o bilinguismo e sua incessante “travessia ida e volta de dois idiomas”. (KRISTEVA, 1991, p. 52, tradução nossa) Semelhante a Emilie, Zana é levada a falar um árabe mesclado com português, língua ao mesmo tempo familiar e no entanto tão estrangeira, que acaba por tornar-se um amálgama híbrido. A língua materna – mais empregada no final da vida das duas matriarcas – parece ser a única a poder sobreviver na hora da morte; ela materializa a língua da tradição e funciona como um resgate de identidade que estabelece o elo estreito dos personagens com suas origens. A língua apresenta-se sob a forma de um reconhecimento familiar, e ainda que os filhos não a entendam, empregam-na desajeitadamente, brevemente e sempre em alternância com o português.

Cabe então ao leitor tirar suas próprias conclusões levando em conta o hibridismo linguístico sugerido pelo romancista: dentro da família, a linguagem – que nada tem de puro e homogêneo – é uma mescla de árabe e português. A língua de origem, denaturalizada, cedeu seu lugar a uma língua imperfeita, a um discurso híbrido que revela a multiplicidade das heranças e influências que alimentam os personagens imigrantes. Trata-se de uma “bricolagem linguística”, de uma modelagem da língua feita de lapsos, omissões, combinações e misturas. A análise desses vocábulos de origem árabe permite demonstrar, por um lado, a fascinação do autor pelo Oriente, ligada ao mistério, ao encanto das histórias, das leituras e dos relatos que cristalizam o pertencimento. Por outro lado, a presença de termos árabes que pontuam o texto em português<sup>23</sup> – termos que evocam um Oriente distante – denuncia seu caráter identitário: impregnados de história e tradições, eles remetem à fala de um povo e carregam a marca de uma herança cultural. Numa necessidade de reconstruir e restituir um passado rompido pelo exílio, o imigrante tenta “a viagem de volta em direção à língua da infância”<sup>24</sup> (KRISTEVA, 1991, p. 52, tradução nossa) como se, “ao enunciar sua língua materna num país estrangeiro, ele pudesse retomar sua vida, nascer outra vez”<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> De fato, o leitor defronta-se com diversos vocábulos de língua estrangeira, mas que não são sempre traduzidos e/ou explicados.

<sup>24</sup> “Le voyage retour vers la langue de l'enfance”.

<sup>25</sup> “Énonçant sa langue maternelle en pays étranger, il reprenait sa vie, se donnait naissance”.

(HAREL, 2005, p. 179, tradução nossa); porém, torna-se evidente que seu discurso é uma descontinuidade, uma linguagem fragmentada e (des)construída que dá lugar a uma “língua esfolada, arranhada”<sup>26</sup> (KRISTEVA, 1991, p. 52, tradução nossa), adaptada e (re)composta.

### **Polifonia de línguas importadas**

Milton Hatoum não se contentou em representar somente termos e expressões de origem oriental: ele também faz uso de termos estrangeiros de todo tipo, criando dessa forma uma fusão dialética e uma pluralidade de diásporas nas quais misturam-se tanto o português, o árabe, o espanhol, o inglês, o alemão ou ainda o francês. De fato, seus romances são repletos de terminologias e expressões idiomáticas estrangeiras, verdadeiros xenismos que encontramos até no nome dos personagens ou ainda na designação de certos costumes e comportamentos.

Nesse contexto, os diferentes idiomas – ou empréstimos linguísticos – que nos propomos a analisar são, em primeiro lugar, o francês caracterizado pelo uso de expressões idiomáticas ou pelo viés de figuras-chave pertencentes à esfera da cultura francófona. Em *Relato de um certo Oriente*, Emilie possui um papagaio “dotado de forte sotaque do Midi e capaz de pronunciar ‘Marseille’, ‘La France’ e ‘Soyez le bienvenu’.”<sup>27</sup> (HATOUM, 1999, p. 33) Em *Dois irmãos*, Antenor Laval – o professor de francês – é um personagem emblemático: tipo de Baudelaire de Manaus, seu discurso é permeado de fragmentos poéticos do famoso autor; em *Cinzas do Norte*, é a arte francesa que prevalece: se o protagonista Mundo tem uma grande admiração pelos artistas franceses, a língua francesa permanece imperceptível, como para denunciar seu caráter impenetrável. Somente os iniciados podem empregá-la e compreendê-la, como é o caso de Mundo que “era um dos poucos que podiam estudar [...] francês com a mulher do cônsul da França.” (HATOUM, 2005, p. 81)

Em segundo lugar, anglicismos e alusões à cultura e à língua anglófonas também apontam o “cruzamento intercultural” presente nos romances de Hatoum. Se a língua inglesa é indistinguível e se percebe apenas no burburinho da multidão que compõe os dois primeiros romances, o “*American Way of Life*” por sua vez está presente e revela a influência que tem a cultura anglófona nas tramas do autor. No último romance, é

---

<sup>26</sup> No texto original em francês, Julia Kristeva utiliza a expressão “langue écorchée”.

<sup>27</sup> *Relato de um certo Oriente*, p.33. Notemos que essas palavras e expressões aparecem em francês no texto, sem tradução ou explicação do autor.

novamente pelo viés do protagonista Mundo que Hatoum nos dá a possibilidade de ouvir a retórica britânica: ao percorrer a Europa, Mundo vai até a Inglaterra onde ele diz falar o *Spantuguese* (HATOUM, 2005, p. 201): neologismo criado a partir da fusão dos termos ingleses “spanish” e “portuguese”, trata-se aqui, segundo a definição de Boyer, de um fenômeno representativo da interlíngua.<sup>28</sup>

Em terceiro lugar, a língua alemã – com exceção do romance *Dois irmãos* – se manifesta de forma notável através do personagem emblemático de Gustav Dorner. Apesar de ele pesquisar sobre as populações autóctones e a natureza amazônica, seu universo gravita em torno da língua alemã, língua materna que ressurge e emerge repentinamente no meio da conversa acarretando um linguagem híbrida e entrecortada. Impenetrável e obscura tal qual as terminologias indígena e árabe, a língua alemã deixa os neófitos à deriva.

Em quarto lugar, além da evidente presença de línguas que citamos até agora, outras menos marcadas insinuam-se no texto hatouniano; sem serem retranscritas diretamente, elas são apenas sugeridas, como é por exemplo o caso da letra de um famoso bolero que os auto-falantes da Voz da Amazônia transmitiam (HATOUM, 2000, p. 205), a conversa dos irmãos sicilianos que palreavam (HATOUM, 1999, p. 160) ou ainda as palavras do padre Bolislau, professor de matemática de origem polonesa. (HATOUM, 2000, p. 36)

Por último, pode-se também acrescentar a língua portuguesa a esse painel de línguas estrangeiras, na medida em que a presença de imigrantes oriundos de Portugal implica o emprego da língua lusófona em um grau diferente (regionalismos, sotaques, etc.). Devido as essas diferenças lexicais e sonoras – apesar de tratar-se da mesma língua –, os portugueses são considerados estrangeiros, por falarem uma língua portuguesa também considerada “estrangeira”: ela deve ser aprendida pelos imigrantes – tal qual o patriarca que se expressa “em português sofrível” (HATOUM, 1999, p. 97) – e até reaprendida, como no caso do Yaqub que “varava noites estudando a gramática portuguesa; repetia mil vezes as palavras mal pronunciadas.” (HATOUM, 2000, p. 31) Por ter sofrido transformações e influências provenientes do contato com línguas

---

<sup>28</sup> Segundo Boyer, “as manifestações de uma heterogeneidade integrada com base em materiais linguísticos bi- ou plurilíngues como as interferências ou as marcas transcódicas (empregos) são constitutivas de uma realidade linguística ‘remendada’”. (BOYER, 2010, p. 138, tradução nossa). No original: “Les manifestations d'une hétérogénéité intégrée à base de matériaux linguistiques bi- ou plurilingues tels que les interférences ou les marques transcodiques (emprunts, calques) sont constitutives d'une réalité linguistique bricolée”.

ameríndias, do recurso aos idiomas estrangeiros ou das variações linguísticas populares específicas da Amazônia, o português é também considerado uma língua estrangeira.

## Conclusão

A multiplicidade de línguas e linguagens não poderia ser analisada de modo mais detalhado na medida em que o próprio romancista as reduz a um mero “gutural tatibitati” (HATOUM, 1999, p. 22), a uma mistura de línguas e origens diversas que povoam suas obras. Essa escolha linguística que sugere enunciações lacunares gera vozes imperfeitas que formam por sua vez discursos heterogêneos, inacabados e híbridos. O uso de diversas línguas e níveis de linguagem provém do que Bakhtin chamou de plurivocalidade, ou seja, “a hibridação, a confusão dos sotaques [...] a estratificação da linguagem.”<sup>29</sup> (BAKHTIN, 1987, p. 125-126, tradução nossa) Segundo ele, a linguagem torna-se eixo principal da escrita bastarda e híbrida:

Qualificamos de construção híbrida um enunciado que, conforme seus índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence ao único locutor, mas no qual se confundem, em realidade, dois enunciados, duas maneiras de falar, dois estilos, duas “línguas” [...] Entre esses enunciados, esses estilos, essas linguagens e essas perspectivas, não existe de um ponto de vista da composição ou da sintaxe nenhuma fronteira formal. O compartilhamento das vozes e das linguagens dá-se dentro dos limites de um único conjunto sintático.<sup>30</sup> (BAKHTIN, 1987, p. 125-126, tradução nossa)

O autor emprega o termo hibridismo para significar a coexistência de diversas vozes na construção discursiva de certos romances e o termo plurilinguismo para caracterizar as palavras das personagens que são palavras de outrem numa linguagem estrangeira.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> “L'hybridation, la confusion des accents [...] la stratification du langage”.

<sup>30</sup> “Nous qualifions de construction hybride un énoncé qui, d'après ses indices grammaticaux (syntaxiques) et compositionnels, appartient au seul locuteur, mais où se confondent, en réalité, deux énoncés, deux manières de parler, deux styles, deux « langues » [...] Entre ces énoncés, ces styles, ces langages et ces perspectives, il n'existe, du point de vue de la composition ou de la syntaxe, aucune frontière formelle. Le partage des voix et des langages se fait dans les limites d'un seul ensemble syntaxique”.

<sup>31</sup> “A fala de um personagem exerce quase sempre uma influência (por vezes potente) no discurso do autor, permeando-o de palavras estrangeiras (discurso oculto do personagem) estratificam-no e, portanto, introduzem o plurilinguismo [...] Esse plurilinguismo social também se difunde no discurso do autor, em torno dos personagens, criando dessa forma suas zonas particulares. Elas são constituídas dos semi-discursos dos personagens, com diversas formas de transmissão oculta da fala de outrem, com os enunciados, relevantes ou não, do discurso de outrem disseminado aqui e ali, com intrusão no discurso do autor”. (BAKHTIN, 1987, p. 136-137, tradução nossa) No original: “Les paroles d'un personnage exercent presque toujours une influence (parfois puissante) sur le discours de l'auteur, le parsèment de mots étrangers (discours caché du personnage) le stratifient, et donc y introduisent le polylinguisme [...] Ce polylinguisme social est éparé aussi dans le discours de l'auteur, autour des personnages, créant ainsi leurs zones particulières. Celles-ci sont constituées avec les demi-discours des personnages, avec diverses

Tal qual a narradora de *Relato de um certo Oriente* que junta os fragmentos das múltiplas vozes de outrem, notamos a intenção do autor em atribuir-lhe a palavra num tom tanto de confissão como de questionamento: “como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas” (HATOUM, 1999, p. 218), como se tais fossem as incertezas do próprio autor na produção de sua obra. Isso é inclusive um dos pontos de convergência entre os três romances que parecem ter uma ambição em comum: dar voz e fala a diversos personagens oriundos de culturas diversas. Para tanto, o romancista faz uso de variados procedimentos literários e linguísticos, como, por exemplo, o uso de um estilo popular de gíria e vulgaridades, o emprego de expressões regionais e de termos polissilábicos de origens diversas, a citação de trechos tirados da literatura, ou ainda o emprego de termos estrangeiros. A língua e suas estruturas linguísticas são menos perceptíveis que as representações de uma coesão comunitária que formam o universo próprio a cada cultura, como é o caso de certas línguas que, embora não sejam retranscritas, são sugeridas pela presença de “palavras-símbolo”<sup>32</sup> como as define Boyer.

Esse procedimento de amálgama e de mistura de diversas línguas acarreta sem dúvida o reconhecimento de culturas diferentes que participam da internacionalização da Amazônia; mas ele gera também o desaparecimento progressivo de um registro original e, por conseguinte, a aparição de “híbridos linguísticos” cuja linguagem composta de discursos labirínticos, de línguas indecifráveis e de frases curtas ou elípticas traduz síncope e ritmos fragmentados. Eis a abordagem sugerida por Milton Hatoum: ele rege uma multiplicidade de linguagens, verdadeiras consequências de uma sociedade em plena mutação, que participam de uma abertura ao mundo em detrimento de uma homogeneidade linguística e de uma coesão identitária.

---

formes de transmission cachée de la parole d'autrui, avec les énoncés, importants ou non, du discours d'autrui éparpillés çà et là, avec l'intrusion, dans le discours de l'auteur”.

<sup>32</sup> “As palavras-símbolo são marcadores de enraizamento geolinguístico e cultural dotadas de uma representação identitária que pode conduzi-las, através uma cristalização já adquirida parcialmente (os estereótipos), a um uso que reivindique deliberadamente uma identidade coletiva”. (BOYER, 2010, p. 140, tradução nossa) No original: “Les mots-emblème sont des marqueurs d'enracinement géolinguistique et culturel investis d'une représentation identitaire qui peut les conduire, au travers d'un figement déjà partiellement acquis (de l'ordre du stéréotypage) vers un usage revendiquant délibérément une identité collective”.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1987.

BIRMAN, Daniela. *Entre narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2010/06/Tese-Daniela-Birman.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2010.

BOYER, Henri. De la “bâtardise” (ethnosocio)linguistique. Les parlures hybrides, entre interlectes et interlangues. In: MOREL, Maia (dir.). *Parcours interculturels: être et devenir*. Québec: Edition Peisaj, 2010. p. 137-143.

CURY, Maria Zilda Ferreira. L'étranger qui m'habite. Voix immigrantes dans la fiction de Milton Hatoum. *Quadrant*, Montpellier, Université Paul-Valéry III, n. 21, p. 159-169, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Des tours de Babel*, 1985. Disponível em: <[http://www.jacquesderrida.com.ar/frances/tours\\_babel.htm](http://www.jacquesderrida.com.ar/frances/tours_babel.htm)>. Acesso em: 07 fev. 2012.

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 vol. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

FERREOL, Gilles; JUCQUOIS, Guy. *Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*. Paris: Armand Colin, 2003.

GLISSANT, Edouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

HAREL, Simon. *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montréal: XYZ Éditeur, 2005.

HATOUM, Milton. O arquiteto da memória. (Entrevista concedida a Soraia Vilela). *DW-WORLD*, 11 out. 2004. Disponível em: <<http://dw.com/p/5gbA>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

HATOUM, Milton. *Cendres d'Amazonie*. Paris: Actes Sud, 2008.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

HATOUM, Milton. *Deux frères*. Paris: Editions du Seuil, 2003.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. *Récit d'un certain Orient*. Paris: Editions du Seuil, 1993.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

KRISTEVA, Julia. *Etrangers à nous-mêmes*. Paris: Gallimard, 1991.

OLIVIERI-GODET, Rita. O ameríndio como personagem do Outro na literatura contemporânea: *Órfãos do Eldorado e Nove noites*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 15, p. 89-111, 2009. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415575325.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SEGALEN, Martine. Familles, de quoi héritons-nous?. In: RUANO-BORBALAN, Jean-Claude. *Identité(s): l'individu, le groupe, la société*. Auxerre: Sciences Humaines Editions, 1998.

SOUZA, Márcio. *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *La conquête de l'Amérique: la question de l'autre*. Paris: Seuil, 1991.